

REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA

TOMO LII - 1-4 - 1996

ANTÓNIO MELO

***A areté* helénica nos jogos olímpicos**

FACULDADE DE FILOSOFIA DA U.C.P.

BRAGA - 1996

A ARETÉ¹ HELÉNICA NOS JOGOS OLÍMPICOS²

0. Introdução

A escassos meses da abertura dos Jogos Olímpicos 96, na cidade norte americana de Atlanta, ainda recordamos com alguma nostalgia os momentos sublimes da cerimónia de abertura das olimpíadas de Barcelona, em que a harmonia das cores, dos sons e dos movimentos despertou em nós a mais profunda emoção estética. Ali estava plasmada a alma humana. E até no momento de maior elevação, a destreza humana quis estar presente³. Os atletas mais uma vez lutaram pela vitória – o grande ideal olímpico.

Todos querem vencer. E tantas vezes a qualquer preço!...

¹ Esta é a transliteração para português, adoptada por nós e proposta por António Freire (*Humanismo Clássico. Estudos de Cultura e Literatura Greco-Latinas*. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1986, p. 27), se bem que Aires Augusto do Nascimento («Aretê Sofística, uma Forma do Humanismo Grego», *Euphrosyne*, Lisboa, V (1972) 121, nota 1), José Ribeiro Ferreira (*Grécia Antiga*. Edições 70, Lisboa, 1992, p. 162) e Manuel Antunes (*História da Cultura Clássica. Aulas Práticas – Apontamentos estenografados na Íntegra – Lisboa*, p. 40) proponham «aretê», com acentuação perispómena. Contudo, na pronúncia do eta grego é «preferível o som aberto (é)», se bem que algumas escolas proponham som fechado (ê) (cf. António Freire, *Gramática Grega* 8ªed., Publicações da Faculdade de Filosofia e Livraria Apostolado da Oração, Porto, 1987, p. 14).

² Este artigo reproduz, parcialmente, a aula teórico-prática elaborada no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, que apresentámos em Maio de 1993, na Faculdade de Filosofia de Braga da U.C.P. Presidiu ao digníssimo júri O Professor Lúcio Craveiro da Silva, tendo sido arguente desta aula o Professor Amadeu Torres, a quem agradecemos as sugestões para este artigo. Uma palavra final de reconhecimento aos Professores António Freire e Manuel Losa: ao primeiro, que nos entusiasmou por esta escolha; ao segundo, por nos ter revisto as últimas provas deste trabalho.

³ Na era dos automatismos, da supremacia da técnica, ofuscadores da natureza humana, que lição de «perfeição humana» nos legou aquele archeiro ao enviar certamente a flecha que transmitiu definitivamente a chama olímpica àquele estádio! No seu livro *Grécia Antiga e Grécia Moderna*, Centro de Estudos Humanísticos (Anexo à Universidade do Porto), Porto, 1965, entre as páginas 62 e 63, António Freire apresenta-nos, em seis fotografias, a sequência da cerimónia, em Olímpia, desde o acendimento da «chama olímpica» até à sua entrega ao atleta que iniciará o percurso até ao estádio que a irá receber.

0.1. O movimento olímpico

O movimento olímpico moderno deve-se ao barão francês Pierre de Coubertin⁴. Sob os seus auspícios, o *Congresso Internacional de Paris*, a 16 de Junho de 1894, votou por unanimidade a restauração dos Jogos Olímpicos. De 24 de Março a 3 de Abril de 1896, na cidade de Atenas, viria a decorrer a primeira olimpíada da era moderna⁵.

Esta é a manifestação mais clássica dos clássicos nos tempos modernos. Talvez aquela que mais entusiasmo e pessoas arrasta atrás de si⁶. Com um impacto tão importante nos dias de hoje, urge redescobrir o verdadeiro ideal do herói olímpico, reflectir nas raízes culturais que lhe estiveram subjacentes. Será que hoje ainda funciona como uma escola de formação humana íntegra? Ou será que se busca a vitória apenas por honra ao vil metal que entorpece o idealismo natural do coração humano? Hoje, mais do que formação humana, exemplo a imitar, o apelo da vitória olímpica é motivo para a destruição do homem⁷. O herói olímpico, hoje, quantas vezes é a sua negação.

Cada vez mais, os Jogos são hoje a expressão mais alta da técnica; a cultura fica relegada para segundo plano. O herói olímpico, na Grécia Antiga, era o expoente máximo resultante da simbiose da beleza física e beleza moral e é neste contexto que deve ser entendido o conceito de *paideia* grega – formação do homem integral⁸. Esta é uma oportunidade para reflectirmos sobre o huma-

⁴ Acerca do seu pensamento, vide as obras *Ideário Olímpico*. Madrid, 1973; *Pédagogie sportive*, Paris, 1992; *L'Idée Olympique. Discours et essais*. Köln, 1967.

⁵ Cf. António Freire, *op. cit.*, pp. 60-61. Para mais pormenores acerca da sua acção, vide Conrado Durantez, *Olimpia y Los Juegos Olímpicos Antiguos*. Tomo II, Delegación Nacional de Educación Física y Deportes, Comité Olímpico Español, 1975, pp.351-364. Foi no séc. XIX que se despertou um interesse relevante dos arqueólogos ingleses por Olímpia, atraindo, mais tarde, as atenções de franceses e alemães. A primeira tentativa de reorganizar estes jogos sucedeu em Novembro de 1859, com o nome de Pan-Helénicos. A segunda edição foi em 1870, já apelidada de Jogos Olímpicos. Novas tentativas ocorreram em 1877 e 1889. O principal impulsor destes eventos foi Evangelos Zappas (Cfr. *Id.*, *op. cit.*, pp.337-350).

⁶ "Sport is the most immutable and modern aspect of our heritage from the Greeks and, therefore, the stadium door is perhaps the most accessible means of entering the ancient world. Baron de Coubertin, father of the modern Olympic movement, knew this when he remarked in a lecture that, although contemporary students might grow weary of reading about the exploits of Alexander and Caesar, their interest in the classics would always be aroused «the dust of the stadium»" (Waldo E. Sweet, *Sport and Recreation in Ancient Greece*. A Sourcebook with Translations. Oxford University Press, Oxford-New York, 1987, p. VII).

⁷ Recordem-se as consequências do uso das drogas, concretamente dos esteróides anabolizantes.

⁸ Este era o grande ideal a atingir no final da época arcaica, representando um avanço relativamente aos heróis homéricos, cuja *areté* era essencialmente a supremacia física (Cf. Maria He-

nismo, presente ou não, nesta manifestação desportiva, porque, mais do que na técnica, o nosso futuro está na cultura, pois o verdadeiro homem é um ser culto⁹.

1. Religiosidade e espírito agónico entre os gregos

Os gregos foram um povo visceralmente religioso, a ponto de a própria religião se confundir com o estado¹⁰. De tal forma que ainda hoje, quando olhamos para a religião grega, somos levados a considerar apenas as suas manifestações exteriores, materializadas nos grandes festivais, concentrados em torno dos principais santuários pan-helénicos: Olímpia, Delfos, Corinto e Nemeia¹¹. Outros festivais¹² tinham um âmbito mais regional, como as Pan-

lena da Rocha Pereira, *Estudos de História de Cultura Clássica*. I- *Cultura Grega*. 6ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988, p. 364; Manuel Antunes, *op. cit.*, p. 40. Se em Homero a *areté* é herdada, de linhagem nobre (Werner Jaeger, *Paideia. A Formação do Homem Grego*. 2ª ed., trad. de Artur M. Parreira – *Paideia, Die Formung des Griechischen Menschen*. Walter de Gruyter and Co., Berlin – Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1989, p. 19), com os sofistas já pode ser aprendida por todos, expressando o ideal educativo do séc. V a. C. (*Id.*, *ibid.*, p. 233-242). Pindaro ainda tomava a *areté* como de linhagem nobre, celebrando os antepassados do herói, de origem divina; e é no sexto hino nemeu que o poeta fala, reflexo do tempo, de uma *areté* alheia à linhagem nobre, para concluir que, embora a raça humana e os deuses estejam separados, "palpita neles, porém, a mesma vida, já que ambas procedem da mesma terra-mãe" (*Id.*, *ibid.*, p. 180). Assim se pode compreender o sucesso da educação grega que, mais tarde, os Cipriões procuram implantar em Roma (vide António Maria Martins Melo, *Ideias Pedagógicas em Terêncio*. Edições APPACDM, Braga, 1994, pp. 37-44).

⁹ Cf. Amadeu Torres, «O Latim e *As Meninas de Velásquez*: dois planos de enfoque», em *Diacrítica*, Braga, 7 (1992) 52.

¹⁰ Cf. Jean-Pierre Vernant, *Mythe et Religion en Grèce Ancienne*. Trad. do Inglês – «Greek Religion» em *The Encyclopedia of Religion*, Mircea Eliade (ed.), New York et London, Macmillan, 1987, pp. 99-118 – Edit. du Seuil, 1990, p. 17; Robert Flacelière, *A Vida Quotidiana dos Gregos no Século de Péricles*. Trad. de Virgínia Mota – *La Vie Quotidienne en Grèce*. Librairie Hachette, Paris – edição «Livros do Brasil», Lisboa, s/d, p. 219. Em Atenas, por exemplo, os próprios magistrados da cidade eram os sacerdotes. Hoje, a ideia dominante é a defesa de uma efectiva separação de poderes entre Estado e Igreja.

¹¹ Cf. António Freire, *Teísmo Helénico e Ateísmo Actual*. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1983, cap. «Religiosidade do Povo Grego», pp.57-105.

¹² Este aspecto folclórico aparece sublinhado em André Bonnard, *A Civilização Grega*. Trad. de José Saramago – *La Civilisation Grecque*. La Guilde du Livre, 1980 – Edições 70, Lisboa, 1984, p. 137: "A religião grega tem o aspecto exuberante e mal arrumado de um folclore". Neste cap. VIII «Os Homens e os Deuses», o autor vai expor a sua visão acerca da evolução da religião grega, sublinhando que a "humanização progressiva do divino é um dos traços mais salientes desta religião"

Ateneias em honra da deusa Atena, na cidade de Atenas¹³. Lugar de relevo assumiam ainda os festivais atenienses em honra de Dioniso e as Tesmofórias, em honra de Deméter¹⁴, as Targélias¹⁵ e as Pianépsias, ou festivais das colheitas¹⁶.

Mas estes ritos colectivos e impessoais não cumulavam as aspirações mais profundas do homem grego, preocupado também com a sua própria felicidade, com a vida além-túmulo¹⁷. Assim se compreende o aparecimento dos mistérios que prometem a felicidade no Hades, tranquilizando os espíritos mais inquietos. Proeminência ganham os mistérios de Elêusis, na Ática, em honra de Deméter e de Perséfone¹⁸; em segundo plano estão os mistérios órficos e o culto dionisiaco. Nos mistérios, a intervenção do Estado pode considerar-se quase nula e, apesar do seu carácter mais intimista, não proporcionavam uma relação pessoal entre o fiel e a divindade. Limitavam-se apenas a oferecer uma melhor sorte no Hades, sem preocupações de reflexão acerca da sobrevivência da alma¹⁹.

(p. 138), para concluir que "os deuses, ao humanizarem-se – antropomorfizando-se, moralizando-se depois – tomam-se símbolos de um universo em realização de justiça" (p.156).

¹³ A sua realização ocorria anualmente, nos dias 28 e 29 de Julho, mas com maior solenidade de quatro em quatro anos, entre 21 e 28 do mesmo mês. Este festival apresentava também concursos musicais, gímnicos e hípicas – os Jogos Panatenaicos; os vencedores recebiam a coroa de oliveira assim como ânforas cheias de azeite.

¹⁴ Realizavam-se geralmente no Outono, apenas com participação feminina, procurando assegurar a fertilidade dos campos.

¹⁵ Em honra de Apolo, aproximadamente no mês de Maio, com reflexos na Jónia, contemplava o sacrifício de duas pessoas condenadas à morte, mais tarde abandonado.

¹⁶ Vide A. W. Pickard – Cambridge, *The Dramatic Festivals of Athens*. Second edition by John Gould and D. M. Lewis, at The Clarendon Press. Oxford, 1968, especialmente os capítulos I, dedicado aos festivais menores (Antestérias, Leneias, Dionisias Rurais e as Panateneias) e o II, sobre as Dionisias Urbanas.

¹⁷ Robert Flacelière, *op. cit.*, p.236: "Os cultos públicos, de cerimónias frequentemente grandiosas, continham sempre algo de um tanto frio e impessoal: dirigiam-se aos deuses por amor da prosperidade colectiva das cidades, ou até de toda a Grécia, mas pouco se interessavam pela felicidade individual do ser humano, tanto nesta vida como na outra". Vide ainda Martin P. Nilsson, *Historia de la Religiosidade Griega*. Trad. esp. Martín Sánchez Ruipérez – *Griechischer Glaube*, Sammlung Dalp – Madrid, 1953, uma das autoridades mais respeitadas no estudo da religião grega.

¹⁸ De raízes familiares, com rito de iniciação, a estas celebrações podiam assistir estrangeiros, escravos e as mulheres, com apenas duas exigências: conhecimento da língua grega e livres da acusação de homicídio (Cfr. Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p. 292). Às classes mais desfavorecidas da sociedade propiciavam, assim, "uma compensação para a miséria da sua condição", para André Bonnard concluir que "pelo carácter de universalidade que tinham, pelo menos em princípio – perfuravam de algum modo o culto cristão" (p.143). E pouco mais se conhece acerca destes mistérios, pois estavam votados ao secretismo (Cfr. Pausânias, *Descrição da Grécia*, I, 38, 7).

¹⁹ Cfr. Jean-Pierre Vernant, *op. cit.*, p. 16. Podem ainda consultar-se A. J. Festugière, *Personal religion and among the Greeks*. Sather Classical Lectures, University of California Press, 1954; J. J. – Barthélemy, *Vida Religiosa dos Gregos*. 2ª ed., trad. e notas de F. J. Cardoso Júnior, Editorial Inquérito, Lisboa, s/d.

2. Os Jogos Olímpicos

Na Grécia Antiga, os certames desportivos, integrados em festivais, eram essencialmente manifestações de cariz religioso. E se no ano 500 a. C. se podem contar cerca de 50 jogos periódicos por toda a Grécia, em 93 a. C. o seu número era consideravelmente superior: cerca de 300. De entre estes, menção para os quatro de maior expressão pan-helénica²⁰: em primeiro lugar, os Jogos Olímpicos, em honra de Zeus²¹, que decorriam em Olímpia, de quatro em quatro anos, com registo a partir de 776 a. C.; próximos da notoriedade destes, os Jogos Píticos, que celebravam a vitória de Apolo sobre a serpente Píton, em Delfos, no terceiro ano de cada olimpíada, quadrienalmente e também no mês de Agosto, desde 582 a. C.²²; os Jogos Ístmicos, em honra de Posídon, na cidade de Corinto, bienalmente (no segundo e quarto ano de cada olimpíada), no mês de Abril; por último, os Jogos Nemeus, em honra de Zeus, em Nemeia, também bienais,

²⁰ Cf. C. A. Finley and H. W. Pleket, *The Olympic Games: The First Thousand Years*. New York, 1976, p. 68, apud Waldo E. Sweet, *Sport and Recreation in Ancient Greece*. A Sourcebook with Translations. Foreword by Erich Segel. Oxford University Press, Oxford – New York, 1987, p. 3). Veja-se, ainda, o verbete «Jogos», de Maria Helena da Rocha Pereira, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Lisboa, 1983, vol. 11, coll. 688-689.

²¹ Com Olímpia, relaciona-se também a origem de Zeus e, concomitantemente, dos deuses. Não sendo este o momento apropriado para abordar esta questão, deixamos algumas indicações bibliográficas: Pierre Grimal, *A Mitologia Grega*. Trad. de Victor Jabouille – *La Mythologie Grecque*. P.U.F., Paris – Publicações Europa-América, Mem Martins, s/d., capít. III *O Ciclo dos Olímpicos*, pp. 54-82; Id., *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. de Victor Jabouille – *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. P.U.F., Paris, 1951 – Difel, Lisboa, 1992; Edith Hamilton, *A Mitologia*. Trad. de Maria Luísa Pinheiro – *Mythology*, Little, Brown and Company, Boston – 3ª ed., Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1983; Robert Graves, *Los mitos griegos*. Trad. de Lucía Graves – *Greek Myth*. Cassel Limited, 1981 – Editorial Ariel, Barcelona, 1986.

²² De início, houve apenas concursos musicais; só mais tarde se introduziram as competições desportivas de natureza atlética e hípica (Cfr. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Compilado por Sir Paul Harvey, trad. por Mário da Gama Kury – *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford University Press, Oxford, 1986 – Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1987, p. 230). Natureza semelhante assumiam as provas em disputa em Nemeia e Corinto, embora opinião diferente seja expressa pela Prof. Maria Helena da Rocha Pereira ao afirmar que "a natureza exacta das provas a disputar não é conhecida" em Nemeia; em Corinto, "as provas não são sabidas" (Cfr. *Estudos de História da Cultura Clássica*. I- *Cultura Grega*. 6ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988, p. 331). Para mais informações pormenorizadas acerca destes Jogos, vide Conrado Durantez, *Olimpia y Los Juegos Olímpicos Antiguos*. Tomo I, Delegación Nacional de Educación Física y Deportes, Comité Olímpico Español, 1975, pp. 227-237.

no mês de Julho, desde 573 a. C.²³. Os prémios destes Jogos eram quase sempre simbólicos, como nos narra Pausânias:

"Por que razão em Olímpia se dá uma coroa de oliveira brava ao vencedor, e em Delfos de loureiro, já expliquei a causa da primeira no livro sobre a Élide, e da segunda fá-lo-ei depois. No Istmo eram usadas as de pinheiro, e em Nemeia as de aipo, para comemorar os sofrimentos de Palémon e de Arquémoro. Mas a maioria dos jogos concede uma coroa de palma, a qual é colocada, em todos, na mão direita do vencedor"²⁴.

Estes certames pan-helénicos constituíam momentos privilegiados de afirmação da unidade do mundo grego, suscitando o respeito dos estrangeiros e, simultaneamente, eram uma afirmação categórica da idiosincrasia da educação grega: encorajava-se a prática da educação física a par do estímulo ao cultivo das faculdades intelectuais e afectivas. Aqui se ouviam e presenciavam as melhores obras da música e da poesia, da escultura e da pintura.

2.1. As origens

Os Jogos Olímpicos, a par das cerimónias de Elêusis, eram as cerimónias que maiores atenções despertavam²⁵. São inúmeras as hipóteses que se propõem para a sua origem lendária²⁶.

A Prof. Maria Helena da Rocha Pereira, apoiada em Píndaro, nomeadamente na I e II *Odes Olímpicas*²⁷, corrobora a opinião que atribui aos Jogos Olímpicos uma tripla celebração: "Zeus, a divindade; Hércules, o herói que os criou; Pélops, o que pela primeira vez ficou vitorioso, ganhando na corrida de carros de cavalos a mão de Hipodamia"²⁸. Segundo Pierre Grimal, Pélops teria sido o seu fundador; Hércules o seu renovador, em memória daquele²⁹. O Prof.

²³ Cfr. Waldo E. Sweet, *op. cit.*, pp. 3-10.

²⁴ *Descrição da Grécia*, VIII, 48, 2 – Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. 5ª ed., Coimbra, 1990, p. 478.

²⁵ Pausânias, *Descrição da Grécia*, V, 10, 1: "Muitas são as maravilhas que na Grécia podem admirar-se ou ouvir-se, mas as maiores são as cerimónias de Elêusis e os Jogos Olímpicos, cheios de espírito religioso" (Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p. 476).

²⁶ Valioso contributo para esta questão é o livro *Der Ursprung der Olympischen Spiele*. Beiträge zur Lehre und Forschung der Leibeserziehung – Band 13. Verlag Karl Hofmann, Schorndorf bei Stuttgart, 1962.

²⁷ Respectivamente vv. 23-24, 93-94 e 3-5.

²⁸ Cf. *Estudos de História de Cultura Clássica*. I - *Cultura Grega*. 6ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988, p. 325. Para mais pormenores acerca de Hércules, mítico fundador destes jogos, leia-se G. S. Kirk, *The Nature of Greek Myths*. Penguin books, London, 1974, cap. 8 «The mythical life of Heracles», pp. 176-212.

²⁹ Cf. Pierre Grimal, *op. cit.*, verbete «Pélops», p. 364.

António Freire também nos apresenta Hércules³⁰ como o herói fundador; a participação dos deuses consagrou-os. Depois a própria «estória» da Élide dá-nos conta de competições desportivas organizadas quer pelo seu primeiro rei Étilo, quer por Hércules, filho de Alcmena. No início do séc. IX a. C., com o aparecimento da pólis, o Peloponeso vive momentos efervescentes pela disputa da direcção do culto e dos jogos em Olímpia. É então que nos aparece Ífito, rei de Élide. Para pôr fim àquelas lutas intestinas, consulta o oráculo de Delfos, que lhe responde: «Que Ífito e a gente de Élide reintroduzam os Jogos Olímpicos»³¹.

2.2. A «trégua sagrada»

E finalmente este rei alcança um pacto de paz entre os beligerantes em 884 a. C.³², ficando assim instituída a denominada «Trégua Sagrada»³³. Segundo o tratado, Olímpia era território sagrado, assim como os peregrinos e atletas que se dirigissem para lá. Durante dois meses, depunham-se as armas e quer helenos quer estrangeiros respeitavam religiosamente a trégua por ocasião dos Jogos Olímpicos, cujo início era anunciado pelos *espondóforos* ou arautos por toda a Grécia. Segundo relatos que nos chegaram, esta «Trégua» apenas terá sido violada por um soldado espartano e por um punhado de soldados de Filipe da Macedónia, que apresentou desculpas pessoalmente, alegando o seu desconhecimento³⁴.

³⁰ Valioso estudo nos apresenta o Prof. Aires Augusto de Nascimento «O Mito de Hércules: etimologia e recuperação do tempo antigo na Historiografia Medieval Hispânica». *Humanitas*, Coimbra, XLVII, Tomo II (1995) 672-684, discutindo a concepção tradicional que lhe atribui "uma intencionalidade de nobilitação da Hispânia, por lhe garantir um epónimo prestigiado e lhe permitir colocar-se a par dos outros reinos da Cristandade em contexto de afirmação política" (p. 671).

³¹ *Grécia Antiga e Grécia Moderna*. Centro de Estudos Humanísticos (Anexo à Universidade do Porto), Porto, 1965, p. 54. Veja-se ainda Conrado Durantez, *op. cit.*, pp. 21-25. Pausânias apresenta-nos um relato muito pormenorizado, embora seja difícil distinguir a história da lenda (V, 3-10). Vide ainda Cleanthis Paleologos, «Birth, establishment and development of the Olympic Games», em *Academia Olimpica Internacional*, Athens (1962) 131-144.

³² Conrado Durantez, *op. cit.*, Tomo I, p. 151: "el rey espartano Licurgo y el soberano pisatio Cleóstenes". O texto do acordo foi visto por Pausânias, no templo de Hera, em 160 a. C.: V, 5-6 e V, 20, 1.

³³ Cleanthis Paleologos, «L'Institution de la trêve dans les Jeux Olympiques». Em *Academia Olimpica Internacional*, Athènes (1965) 203-210; Id., «Les anciens Jeux Olympiques: Anonciation. -La trêve.- Oragnisation. - Règles de jeux. - Compétitions athlétiques. Réalisation», *ibid.*, (1964) 61-90.

³⁴ Cf. António Freire, *op. cit.*, p. 53. Conrado Durantez, *op. cit.*, pp.153-154, aponta-nos outras contrariedades: a 8ª olimpíada (748 a. C.) e a 34ª (664 a. C.) terão sido organizadas por Pisa; na 90ª (420a. C.) e 94ª (404 a. C.), os espartanos foram excluídos por violação da «Trégua Sagrada».

2.3. A organização

Desde o ano 776 a. C., data geralmente aceite para a 1ª Olimpíada, que a única prova pedestre era a corrida do estádio: 192, 27 m³⁵. A partir da 14ª olimpíada (724 a. C.), aparece a corrida do duplo estádio ou *diaulo*. Na 15ª olimpíada aparece a primeira corrida de fundo, denominada *dólica* (12 *diaulos*), que corresponderá aos 5000 m de hoje. O pentatlo (corrida, lançamento do disco e do dardo, salto em comprimento e luta) surge em 708 a. C. (18ª olimpíada). Depois, o pugilato (23ª olimpíada – 688 a. C.)... No ano 200 a. C., terminaria a ampliação deste programa desportivo, que chegou a contemplar vinte e três provas, no máximo³⁶.

A duração do festival, no começo de um dia, aumentaria para aproximadamente cinco dias na 77ª olimpíada (427 a. C.)³⁷.

Nestas competições, tomavam parte apenas os homens, desprovidos de vestuário. Às mulheres casadas estava vedado o acesso ao estádio, excepção feita à sacerdotisa de Deméter, apenas podendo ser vitoriosas no hipódromo. As mulheres tinham os seus próprios jogos em honra de Hera, quadrienais, em tudo semelhantes àqueles³⁸. O incumprimento desta norma pagava-se com a própria vida. Houve apenas uma excepção para Ferenícia, para outros Calipatira, que, disfarçada, presenciou a prova do seu filho Pissírrodo. O Senado Olímpico perdoou-lhe em memória do seu pai Diágoras³⁹, dos seus irmãos e do seu próprio filho, todos campeões olímpicos⁴⁰.

No primeiro dia, os atletas faziam a sua inscrição na(s) prova(s) que desejavam disputar. Gregos e obedecendo a todos os requisitos⁴¹, os atletas e os árbi-

³⁵ Conrado Durantez, *op. cit.*, Tomo II, p. 255 (o de Delfos 177, 5m.; Epidauro, 181, 30m); o *Dicionário de Oxford de Literatura Clássica*, p. 230, aponta para 183 m de extensão.

³⁶ Para mais pormenores, vide Miguel Guzmán Peredo, *A História dos Desportos Olímpicos*. Trad. de Mário Franco de Sousa, Círculo de Leitores, Lisboa, 1992, pp. 17-23; Conrado Durantez, *op. cit.*, pp. 165-167; António Freire, *Humanismo Clássico. Estudos de Cultura e Literatura Greco-Latinas*. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1986, pp. 63-64.

³⁷ Cf. Ludwing Drees, *Olympia. Gods artists and athletes*. Pall Mall Press, London, 1968, pp. 68-86. Para seis dias tende a opinião de Carl. Diem, *Historia de los Desportos*. Barcelona, 1955, pp. 216-218, apud Conrado Durantez, *op. cit.*, Tomo I, p. 172.

³⁸ Para mais pormenores, vide Janine Assa, «El olimpismo feminino», em *Citius. Altius. Fortius*, Madrid, II, 3 (1960) 397-403; Id., *ibid.*, V, 4 (1963) 429-444.

³⁹ Píndaro dedica-lhe a *VII Ode Olímpica*.

⁴⁰ Cfr. António Freire, *Grécia Antiga e Grécia Moderna*. Centro de Estudos Humanísticos. (Anexo à Universidade do Porto), Porto, 1965, p. 58.

⁴¹ Para além da sua naturalidade grega, pois Zeus era o deus todo poderoso da Hélade, deviam ser homens livres, impunes perante a lei civil e desportiva, e aptos tecnicamente: deviam ter treinado durante 10 meses antes dos jogos, na Élida, (Cf. Conrado Durantez, *op. cit.*, p. 161), oportunidade aproveitada, talvez, para uma primeira selecção e assim emprestar mais emotivida-

dos, pais e irmãos faziam o seu juramento diante de Zeus. Após esta cerimónia, dirigiam-se ao estádio para presenciarem o espectáculo das trombetas. No segundo dia, iniciavam-se as provas com os mais jovens⁴². No terceiro, tinham lugar as competições no hipódromo, pela manhã⁴³; à tarde, o pentatlo, cujo vencedor era considerado o mais dotado entre os mais completos. O quarto dia era reservado ao culto em honra de Zeus, com destaque para a hecatombe, sacrifício de 100 bois. O dia findava com um grande banquete no Pritaneu para todos os participantes. No penúltimo dia, havia corridas pedestres, pela manhã; à tarde, provas de luta, pugilato e pancrácio, terminando com as corridas dos hoplitas. Finalmente, assistia-se à coroação dos vencedores no templo de Zeus. À noite, no Pritaneu, havia um banquete com a presença dos vencedores, árbitros e personagens oficiais, dando-se por encerrados os jogos⁴⁴.

2.4. O herói olímpico

O campeão da 1ª olimpíada foi Córifo, cidadão da Élida, na corrida pedestre de um estádio⁴⁵. O prémio do herói olímpico, «doce recompensa da virtude sublime»⁴⁶, consistia numa coroa de oliveira⁴⁷, símbolo de Hércules; não se corria ou lutava por prémios pecuniários, mas tão só pela honra, pelo prazer de se ser o primeiro⁴⁸, o que chegava a sensibilizar os bárbaros: «Estamos perdi-

do ao festival (Cf. Cleanthis Paleologos, «The ancient olympios», em *Academia Olimpica International*, Athens, 1964, p. 72). Relativamente aos aurigas, há dúvidas quanto ao cumprimento desta norma, pois na Élida não se conhece hipódromo. Era no fim deste mês que atletas, treinadores, pais e árbitros se punham a caminho de Olímpia que distava cerca de 57 Km. No estádio olímpico, uma multidão ansiosa os esperava, recebendo-os com grande júbilo.

⁴² Segundo Conrado Durantez, *op. cit.*, p. 191, estas provas aparecem pela primeira vez na 37ª olimpíada (632 a. C.).

⁴³ As provas de quadrigas surgem no ano 680 a. C.; em 648, as corridas.

⁴⁴ Cfr. Conrado Durantez, *op. cit.*, pp. 173-177.

⁴⁵ Já nessa altura, havia o costume do vencedor dar uma volta ao estádio, sendo ovacionado e obsequiado essencialmente com flores. A suprema glória acontecia quando alguém vencida nos quatro grandes jogos, tornando-se num περιόδοις.

⁴⁶ Píndaro, *V Ode Olímpica*, v. 1. Na *I Olímpica*, v. 96-97, mais uma vez refere a recompensa do herói: "O vencedor goza, para o resto da vida, / uma ventura doce como o mel, graças aos prémios" (trad. de Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade. Antologia da Cultura grega*. 5ª ed., Coimbra, 1990, p. 152).

⁴⁷ Acerca da sua origem, vide Conrado Durantez, *op. cit.*, pp. 210-212.

⁴⁸ Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História de Cultura Clássica*. I- *Cultura Grega*. 6ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988, p. 328; António Freire, *Humanismo Clássico. Estudos de Cultura e Literatura Greco-Latinas*. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1986, pp. 60-61.

dos, Mardónio! Trouxeste-nos aqui a lutar contra homens que não se batem pelo dinheiro, mas pela virtude!»⁴⁹. Esta mesma incompreensão viriam a mostrar os romanos mais tarde. Anunciada a «Trégua Sagrada», todo o mundo grego se encaminhava para Olímpia, no vale sagrado do rio Alfeu⁵⁰. Chegavam em grupos mais ou menos numerosos ou então integrando alguma comissão oficial, enviada por alguma colónia ou cidade-estado⁵¹. Mas não era só o mundo helénico que se fazia representar. Também os bárbaros acudiam a este mítico lugar, provenientes de todos os pontos, tal era a projecção destes jogos além fronteiras⁵².

Reunidos aqui, podiam usufruir da simbiose única da alma helénica plasmada no esforço dos atletas e nas vivências dos artistas. Enquanto aqueles, no estádio ou no hipódromo, levavam ao extremo as suas capacidades físicas, estes últimos, através da escultura, da poesia ou da música, revelavam a faceta artística do espírito grego. Era um momento único de afirmação dos laços pan-helénicos que uniam este povo, como regista Lísias, no *Discurso Olímpico*, 43, no ano 384 a. C.:

"Quem instituíra aquelas competições e cerimónias, lançara as bases da amizade pan-helénica"⁵³, para, noutra passagem, sublinhar:

"Pois, até essa época, as cidades gregas viviam isoladas umas das outras. Mas, depois que ele acabou com as tiranias e dominou os insolentes, criou uma competição física, a rivalidade na opulência, e *uma parada da inteligência no lugar mais belo da Grécia*, a fim de que, por amor de todas essas manifestações, nos reuníssemos no mesmo sítio, para ver umas e ouvir outras. Entendia ele que esta reunião aqui seria o começo da amizade recíproca entre os Helenos"⁵⁴

⁴⁹ Heródoto, Livro VIII. 26, trad. por António Freire, *op. cit.*, p. 60. Esta foi a exclamação de Trintaícnos, filho de Artábano, perante o rei persa Xerxes, após as explicações dos desertores gregos: em Olímpia, os Helenos batem-se em concursos gímnicos e hípicas apenas por uma coroa de oliveira.

⁵⁰ Era uma honra poder assistir a estes concursos. Por isso, ninguém se poupava a esforços para estar presente: de Epiro e da costa Ilírica, da colónia da Sicília, do Egipto, de Creta...

⁵¹ A delegação mais importante enviada a Olímpia foi a ateniense, em 412 a. C. (92ª olimpíada), dirigida e em parte custeada por Alcibiades (Cleanthis Paleologos, *op. cit.*, p. 64).

⁵² Filipe II, rei da Macedónia, depois da vitória em Queroneia – 338 a. C. –, mandou construir o Filipeu em Altis, Olímpia, e gozava mesmo do direito de enviar uma delegação oficial e até concorrentes. O primeiro foi o próprio rei Alexandre I (Cfr. António Freire, *Grécia Antiga e Grécia Moderna*. Centro de Estudos Humanísticos – Anexo à Universidade do Porto, Porto, 1965, p. 59).

⁵³ Trad. por António Freire, *op. cit.*, p. 59

⁵⁴ Trad. por Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. 5ª ed., Coimbra, 1990, p. 307. Em Olímpia, também se fizeram apelos à unidade dos gregos contra o inimigo comum, os Persas – Isócrates, *Panegírico*, em 380 a. C.

A simbologia dos prémios pode ainda perscrutar-se na possibilidade de lhes ser erguida uma estátua em Áltis⁵⁵ ou de algum poeta lhes dedicar um poema⁵⁶. O nome do vencedor era também inscrito na lista oficial pelos juízes que assim perpetuavam a sua memória⁵⁷.

Olímpia, na Élide, era o local privilegiado para, em ambiente de fraternidade pan-helénica, se manifestar a alma grega na sua plenitude. Avessos à especialização, que não existia na pólis, os gregos olhavam para o homem na sua totalidade⁵⁸ e os Jogos Olímpicos destinavam-se a pôr à prova a sua «excelência»⁵⁹ em honra de Zeus, o patrono de Olímpia. Por isso, a prova rainha era o pentatlo⁶⁰.

E é nesta simbiose admirável de concursos gímnicos e corridas de cavalos, ao lado da arte oratória em honra de Zeus, da poesia e da música, em honra dos vencedores, na prossecução do movimento pan-helénico da fraternidade e da paz que melhor entendemos o conceito de *areté*. Este espírito olímpico só é possível num povo profundamente religioso, com sentido estético e apetência para o sublime. Só aqui podia nascer o herói olímpico: a um tempo, demonstração de valentia física e coragem moral. E são estes jogos os que melhor ilustram esta faceta do espírito grego – a *areté*. Este espírito, que a paideia grega encar-

⁵⁵ Este era o maior desejo de todos os atletas, cujo costume principiou em 544 a. C. e se confirmou em 536 a. C., quando os atletas Praxídamos e Rexívio ali ergueram as suas estátuas (cfr. António Freire, *op. cit.*, p. 57).

⁵⁶ Vide Píndaro, *Odes Olímpicas, Odes Píticas, Nemeias e Ístmicas*. Píndaro, poeta Tebano, é considerado o mais destacado entre os cantores dos triunfos olímpicos; mas não se deve esquecer Baquilides (séc. V a. C.), tio do dramaturgo Ésquilo e sobrinho de Simónides, importante filósofo da Grécia Antiga.

⁵⁷ Para além destas recompensas, normalmente o atleta era recebido em grande apoteose na sua terra natal, que chegava a derrubar parte das suas muralhas defensivas em reconhecimento pelo grande campeão. Em Atenas, Sólon instituiu mesmo um prémio pecuniário para os vencedores em Olímpia e no Istmo, para além de manter gratuitamente os vencedores no Pritaneu.

⁵⁸ Kitto, *Os Gregos. Os Gregos*. Trad. de José Manuel Coutinho e Castro – *The Greeks*. Penguin books Lda, Harmondsworth, Middlesex – revisão da Prof. Maria Helena da Rocha Pereira, 3ª ed., Arménio Amado Editores, Coimbra, 1990, pp. 281 281.

⁵⁹ H. D. F. Kitto, *op. cit.*, p. 288.

⁶⁰ A prova da maratona é uma invenção dos tempos modernos, sem cabimento entre os gregos. Esta prova teve origem num episódio lendário da Grécia Antiga: quando os Atenienses, comandados por Milcíades, venceram os Persas, comandados por Dario I, na batalha de Maratona a 13 de Setembro de 490 a. C., pondo fim à primeira Guerra Médica, um estafeta percorreu a distância de 42 Km até Atenas para anunciar o feito, tendo morrido por esgotamento. A condição de homem e cidadão da *polis* não permitia uma especialização e, nas palavras de H. D. Kitto, os campeões modernos de golfo, bilhar e outros jogos, os Gregos entendê-los-iam se fossem ocupações de escravos, que não tinham melhor ocupação do que treinar a sua destreza nesses desportos: "é impossível, diriam (os gregos), atingir uma tal habilidade e, ao mesmo tempo, viver a vida própria de um homem e cidadão" (*Ibid.*, p.290).

na, permite a junção de provas físicas e artísticas em Olímpia: *mens sana in corpore sano*⁶¹.

Agora estaremos em condições de afirmar que, dado o rigor posto na preparação e selecção dos atletas e a observância escrupulosa das normas que regiam o certame, o vencedor destes jogos era um verdadeiro homem, um herói da pólis e, como tal, considerado pelos seus concidadãos, com direito a honras públicas. É este herói que Píndaro canta, sem esquecer a sua condição humana, recordando-nos o aforisma latino «sic transit gloria mundi»:

"Aquele que conquista, célere, algum nobre prémio
Nos anos cheios de juventude
Bem alto é levado pela esperança; a sua coragem ganha asas;
Tem no coração um bem maior que a riqueza.
Mas breve é para o homem a estação do deleite.
Depressa se desmorona por terra; qualquer temível decisão basta para o extinguir.
Criatura de um só dia! Tal é o homem: sombra de um sonho.
E, contudo, quando o esplendor divino baixa sobre ele,
Uma luz radiosa o ilumina, e maravilhosa é a vida!"⁶²

Mais claro se torna este pensamento ao recordarmos que "a pólis é a mestra do homem"⁶³. Segundo Pierre-Vernant, a pólis, instituição determinante na evolução do pensamento grego, caracteriza-se fundamentalmente pela "valorização da palavra", pelo carácter público de todas as suas manifestações, em oposição a interesses privados e, finalmente, pela fruição colectiva da *isonomia*, todos unidos na *philia*⁶⁴. Esta comunidade concreta de cidadãos era "uma entidade activa, formativa, que exercitava o espírito e formava o carácter dos cidadãos. Constituíam uma preparação para a areté – excelência ou virtude –, função de que o estado moderno se desliga quase por completo"⁶⁵. Para os gregos, que

⁶¹ Juvenal, *Sátira*, X, 356. O verso completo é «Orandum est ut sit mens sana in corpore sano» (Convém exortar a ter um espírito são num corpo são). Nesta linha de pensamento, vide Manuel Alexandre Júnior, «Paradigmas de Educação na Antiguidade Greco-Romana», *Humanitas*, Coimbra, XLVII, Tomo I (1995) 489-497.

⁶² Píndaro, apud H. D. F. Kitto, *op. cit.*, p. 290. Nesta sequência, torna-se interessante observar a actualidade do pensamento de Xenófanes ao comparar o saber humano com o valor das competições atléticas: "A cidade cumula de honras e presentes os vencedores da luta e, no entanto, nenhum é tão digno deles como eu, pois, melhor que a força dos homens e dos cavalos é a nossa sabedoria" (Fr. 1 – trad. de Aires Augusto do Nascimento, *op. cit.*, p. 144).

⁶³ Simónides, fr. 53 D.

⁶⁴ *Origens do Pensamento Grego*. Trad. de Manuel Torres – *Les Origines de la Pensée Grecque*. 5 ed., P.U.F., Paris, 1962 – Editorial Teorema, Lisboa, 1987, capit. IV «Universo espiritual da pólis», pp. 55-76.

⁶⁵ José Ribeiro Ferreira, *A Grécia Antiga*. Edições 70, Lisboa, 1992, p. 27. Ainda acerca das origens da pólis, vide H. D. F. Kitto, *op. cit.*, pp. 107-132.

tinham uma visão predominantemente estética do homem⁶⁶, a *areté* era o cume a que qualquer cidadão aspirava: "além da beleza física e moral (καλὸς καὶ ἀγαθός) reclamava êxito na vida"⁶⁷. O culto da *areté*, como a *virtus* dos Romanos⁶⁸, é o apreço público, acima de tudo, pela «coragem, pela nobreza de alma»⁶⁹.

2.5 O declínio do ideal olímpico

H. D. F. Kitto é de opinião que a Guerra do Peloponeso (431-404)⁷⁰ marcou virtualmente o declínio do espírito da pólis⁷¹. A morte de Alexandre Magno (345 a. C.) precipitaria o fim da Grécia Clássica. E no séc. IV a. C. assiste-se ao emergir do individualismo no seio da cidade-estado. Os sofistas, atraídos pelo esplendor de Atenas, chegaram de todos os pontos da Grécia, aptos a oferecer aos jovens atenienses os seus valiosos préstimos numa democracia cada vez mais exigente no uso da palavra. Pela primeira vez, paideia assume o significado de *educação*, com equivalência na palavra latina *cultura*⁷². A ela só terá acesso quem tem dinheiro. Esta comunidade de pessoas cultas passou a distanciar-se das restantes da sua pólis e procurou afinidades com as pessoas cultas de outras cidades-estado: à pólis sobrepunha-se agora a *cosmopolis*⁷³. Ao amadorismo, à simplicidade, sinónimo de vida una na multiplicidade de funções, em que cada homem era tudo, capaz de desempenhar a totalidade das funções que a pólis educadora lhe proporcionava, aparece agora a especialização, que se começa a fazer sentir na guerra, com o aparecimento de mercenários (profissionais), na economia, nas artes e no desporto.

⁶⁶ Cf. António Freire, *O Teatro Grego*. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1985, p. 13.

⁶⁷ António Freire, *Humanismo Clássico. Estudos de Cultura e Literatura Greco-Latinas*. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1986, p. 27. Para concluir que "o ideal da vida para os gregos consistia: em *ter saúde*, que era a coisa mais excelente; depois, em *ser belo*; e em terceiro lugar, *ser rico sem fraude*" (Platão, *Górgias*, 451e – trad. de António Freire, *O Teatro Grego*. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1985, p. 14).

⁶⁸ Vide Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*. II.- *Cultura Romana*, 2ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1990, pp. 399-409.

⁶⁹ António Freire, *O Teatro Grego*. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1985, p. 15.

⁷⁰ Vide Palmela Braddley, *Ancient Greece: Using Evidence*. Edited by David Patterson, Edward Arnold – a division of Hodder Hadlin, Melbourne-London-Auckland, cap. «The Peloponnesian war, 431-404 B. C.», pp. 218-280; José Ribeiro Ferreira, *A Democracia na Grécia Antiga*. Livraria Minerva, Coimbra, 1990, capit. «Atracção do Abismo», pp. 147-163.

⁷¹ *Op. cit.*, p. 253.

⁷² Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*. I.- *Cultura Grega*. 6ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988, p. 422-423.

⁷³ H. D. F. Kitto, *op. cit.*, p. 265.

Agora já não interessa tanto o engrandecimento de uma comunidade de cidadãos, mas a promoção de um homem, senhor absoluto e centro de todas as atenções, na sua individualidade, alicerçado no relativismo dos sofistas⁷⁴. Até aqui era a pólis que se ocupava da formação dos seus jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento harmónico das suas faculdades intelectuais e físicas durante a sua juventude com o sonho do triunfo olímpico. No séc. IV a. C., com o aparecimento do profissionalismo⁷⁵, o espírito olímpico esfuma-se e os espectadores, por sua vez, vão dando a sua preferência à luta, prenúncio, talvez, dos favores concedidos aos jogos de gladiadores na Antiga Roma⁷⁶. E assim re relegavam, para segundo plano, as provas da corrida e do pentatlo, verdadeiros símbolos, ainda hoje, do espírito olímpico.

A ocupação romana em 146 a. C., com Nero a fazer-se coroar em todas as provas em que participava; depois, o imperador Teodósio I que, em 394 d. C., proíbe a celebração dos Jogos Olímpicos, bem como de outras festividades pagãs; o golpe definitivo é desferido por Teodósio II, em 420 d. C., ao ordenar o incêndio do templo de Zeus⁷⁷.

3. Conclusão

Parafraseando F. Pessoa, poderemos afirmar "Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez. / Senhor, falta cumprir-se Olímpia"⁷⁸, pois os jogos de hoje já não impedem as guerras (o caso da Jugoslávia), e a sua realização foi mesmo impossibilitada por causa delas (1916, 1940, 1944), onde já não impera tantas vezes a universalidade (veja-se o boicote às olimpíadas de Moscovo em 1980). O herói olímpico de hoje quantas vezes é fabricado pelos anabolizantes e pela publicidade e, entre esta angústia olímpica, assoma à nossa memória a voz do

⁷⁴ Protágoras tem a célebre frase «o homem é a medida de todas coisas». São os sofistas a reforçar estas tendências individualistas com o seu relativismo; a *areté* deixa de ser herdada e pode ser aprendida por todos (cf. Francisco R. Adrados, «El concepto del hombre en la edad ateniense», em *El Concepto del Hombre en la Antigua Grecia*, Editorial Coloquio, pp. 57-61), sendo considerada como "a realização das potencialidades inatas do homem", independentemente da sua linhagem (Aires Augusto do Nascimento, *op. cit.*, pp. 121-159).

⁷⁵ Conrado Durantez, *op. cit.*, p. 332: "Sócrates desprecia a los atletas cuya única ocupación es un sistema de ejercicios físicos sistemáticamente organizados para tratar de conseguir una victoria en Olympia, sin preocuparse siquiera de cuidar la alimentación de su espíritu...".

⁷⁶ Para outras informações, leia-se, com proveito, Helena Paula Abreu de carvalho, «Os Jogos de Gladiadores no Mundo Romano», em *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 15 (1993) 7-30.

⁷⁷ Cleanthis Paleologos, «Los Juegos Olímpicos de la Antigüedad. Causas de su decadencia», em *Citius, Altius, Fortius*, Madrid, XIV, asc. 1-4(1972) 45-67. Para uma panorâmica do movimento olímpico, vide Juan Gabriel Tharratis, *Los Juegos Olímpicos. Historia completa de las olimpiadas desde sus orígenes a Munich 72*. Madrid, 1972.

⁷⁸ Na *Mensagem*, «O Infante», vv. 11-12.

grande vate lusitano "Casos, opiniões, natura e uso / Fazem que nos pareça esta vida / Que não há nela mais que o que parece"⁷⁹. Apesar de ainda agora, como Eurípidés já notara, "se tratar de homens de músculos e desprovidos de espírito"⁸⁰, é imperioso levantar o nosso estro humano e acreditarmos. A sessão de encerramento das últimas olimpíadas a isso nos conduz: marcaram a sua presença laivos dessa convivência cosmopolita e universalista que caracterizava o ambiente dos Jogos Olímpicos clássicos; houve um emocionante apela à paz – de novo se uniram numa inolvidável simbiose a oratória, os concursos gímnicos, a poesia, a música. Perfila-se no horizonte a possibilidade de o ideal olímpico se converter na referência duma escola de formação humana no seio de uma sociedade em mutação, carecida urgentemente de novos valores⁸¹, pois não podemos esquecer que foi o helenismo que "nos fez homens"⁸², cujo pensamento é «uma marcha ascensional para Cristo»⁸³. Porque "Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena"⁸⁴, para reviver a faceta mais característica da maior das festividades pan-helénicas.

ANTÓNIO MELO

Universidade Católica Portuguesa – Braga

⁷⁹ Luís de Camões, soneto *Correm turvas as águas deste rio*, vv. 12-14.

⁸⁰ Apud H. D. Kitto, *op. cit.*, p. 291.

⁸¹ Cf. Michel Renaud, «Os valores num Mundo em Mutação», *Brotéria*, Lisboa, 139 (1994) 309.

⁸² A. Festugière, *L'Idéal religieux des Grecs et L'Évangile*, Paris, 1932, Préface.

⁸³ Id., *ibid.*, p. 13. António Freire, *Conceito de Moira na Tragédia Grega*. Livraria Cruz, Braga, 1969, p. 312. Esta obra constitui a dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia de Braga, em Outubro de 1967. Segundo Werner Jaeger, a universalidade do cristianismo deve-se ao helenismo, visto que as afinidades com a filosofia grega são muitas (veja-se a filosofia estóica, por ex.), e a *paideia* grega revelou-se essencial na prossecução daquele ideal. (Para mais pormenores, vide a obra deste autor, *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*, trad. de Teresa Louro Pérez – *Early Christianity and Greek Paideia*, Harvard University Press, 1961 – Edições 70, Lisboa, 1991.

⁸⁴ Fernando Pessoa, *op. cit.*, «Mar Português», vv. 7-8.